



2023

ANO DA REGRA DE VIDA DOS FRADES MENORES



CAPÍTULO V

O MODO DE TRABALHAR

Para celebrar os 800 anos da Regra Bulada, apresentamos neste mês de maio que, por coincidência, inicia-se com o Dia do Trabalho ou do Trabalhador, o capítulo V da Regra escrita por Frei Francisco de Assis e confirmada pelo Papa Honório III, com a Bula *Solet Annure*, de 29 de novembro de 1223. No início desta reflexão sobre o trabalho, encontram-se algumas passagens alicerçadas nas Sagradas Escrituras e temas como: o trabalho como graça; ressignificar a graça do trabalho; trabalhar fiel e devotamente e a nossa sustentabilidade no espírito de pobreza.

O trabalho é graça

Há duas citações no Livro do Gênesis que ajudam a refletir sobre o trabalho e suas dimensões. Em Gênesis 2,15 lemos: “Tomou, pois, o Senhor Deus ao homem e o colocou no Jardim do Éden para o cultivar e o guardar”. Nesta passagem, o ser humano ainda não pecou, mas já recebeu a graça de cultivar e guardar o Jardim como herança.

Em Gênesis 3,19, aparece a seguinte frase após o pecado: “No suor do rosto comerás o teu pão, até que tornes à terra, pois dela foste tomado; porque tu és pó e ao pó tornarás”. Alguns estudiosos interpretam essas passagens como se o trabalho fosse consequência do pecado (castigo), outros como uma missão dada ao ser humano por Deus (cultivar).

No Novo Testamento, Cristo é operário do Pai, o trabalhador do Reino, o missionário da vida. No Evangelho segundo João 5, 1-17, Jesus ao ser interrogado porque fazia certas coisas no sábado (curar o paralisado), respondeu: “Meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho também”.

Nos relatos dos Atos dos Apóstolos (18,3), Paulo também pregou o Evangelho e falou da necessidade de trabalhar com as próprias mãos. Em Corinto, na casa de Áquila e Priscila, ele voltou ao seu antigo trabalho de fabricante de tendas. Em 1Cor 9,18 e 1Cor 9,14, o Apóstolo renuncia ao direito que o Evangelho lhe dá de ser sustentado por ser pregador.

Inspirado por Cristo e pelos Apóstolos, Frei Francisco de Assis reafirmou o trabalho como graça na sua Regra de Vida. Ele, um homem medieval, filho de comerciante, sabia o que era trabalhar. Além do trabalho no negócio do pai, pôde acompanhar o crescimento e o desenvolvimento da cidade de Assis, bem como o novo conceito de trabalho, com o desenvolvimento político, econômico e cultural de sua época.

Quando Francisco iniciou o seu processo de discernimento, reconstruiu algumas igrejas com as próprias mãos. Com a chegada dos primeiros companheiros, eles se põem a trabalhar nas lavouras e nas colheitas com os camponeses, muitas vezes sem receber salário. Não sendo pagos, os frades pediam esmola e, quando a recebiam colocavam tudo em comum.

Na Regra não Bulada e no Testamento, Frei Francisco deixou uma grande herança aos frades, o trabalho como fundamento da vida Evangélica. A herança deixada pelo Pobre de Assis evoca nos frades a busca do justo equilíbrio entre a oração e devoção, a formação intelectual, a vida de simplicidade e o trabalho manual.

O trabalho, dentro da visão franciscana, é definido como graça, pois o ser humano e as suas atividades são vistos desde as suas origens como “dom gratuito de Deus”. Nesta perspectiva, o trabalho é visto como “ação de graças”. Frei Francisco de Assis e seu movimento entenderam em seu tempo que o único “capital” que pode frutificar é o ser humano, criado à imagem e semelhança de Deus. Frei Francisco contrapõe o “produtivismo” e as suas seguranças, apontando o mundo como “a mesa do Senhor”, onde a fraternidade franciscana não concentra a sua força em direitos ou lucros, mas na esmola e na partilha (Cf. Dicionário Franciscano, 748).

Ressignificar a graça do trabalho

No itinerário formativo dos Frades Menores, por exemplo, em todas as etapas, os jovens se envolvem de maneira responsável e progressiva no trabalho, tão necessário para toda sua vida, e como diz um caro confrade: “vai para o campo” testemunhar. Deste ponto de vista, não faltam entre os frades testemunho. Quem não se lembra ou conviveu com bons frades, que sem dizer muitas palavras, motivava o trabalho pelo seu exemplo. Bons religiosos: marceneiros, padeiros, sapateiros, artistas, professores, formadores, missionários, etc. O que mantinha nesses homens a disposição para o serviço?

Não precisamos ficar presos ao passado. O que motiva o Frade Menor a trabalhar hoje? O tempo em que vivemos, com suas rápidas transformações, exige do franciscano uma sólida formação com fundamentos claros, sem prepará-lo para uma única profissão. O sujeito deve transitar por diversas áreas do conhecimento. Fica cada vez mais claro que os estudos filosóficos e teológicos não são suficientes para enfrentar os desafios da primeira transferência após a formação acadêmica.

Neste ponto, surge uma pergunta que pode ajudar a refletir: o que significa redefinir a graça do trabalho hoje?

Com a diminuição e o envelhecimento dos religiosos e o possível aumento das atividades, os frades não estão trabalhando muito? Ou talvez, por certas comodidades e garantias, ou por perda do entusiasmo religioso, não se trabalha pouco com horário marcado e dias da semana estabelecidos?

Cada um pode examinar a sua consciência e o seu projeto de vida, porque aqui, mais que uma resposta de como ressignificar o trabalho, a questão agora é a fé do sujeito e a sua identidade religiosa.

Para os Frades Menores, o trabalho é uma graça que enobrece a vida e a torna fecunda. O trabalho, qual seja, intelectual ou acadêmico, religioso e pastoral, manual e doméstico, formativo e educacional, é um ato sagrado e diz a quem o franciscano pertence. O Frade Menor, que vive o trabalho como graça, compreenderá ao longo da vida que a sua ação é digna e ajuda na edificação do Reino de Deus.

Trabalhar fiel e devotamente

Lendo o capítulo V da Regra Bulada, pode-se concluir que o objetivo do trabalho é duplo: manter os frades longe da ociosidade, a qual é a verdadeira inimiga do homem e da alma, e não perder o espírito de oração e devoção. A força do trabalho, vivida como graça, combate a perversão, a murmuração, o espírito de ganância e acumulação, o desejo de exploração do ambiente e dos outros.

Existem vários versículos no Livro dos Provérbios que descrevem o ser humano que parece não entender o trabalho e suas dimensões: “O preguiçoso ambiciona e nada alcança, mas os desejos daquele que se empenha na obra serão plenamente satisfeitos” (Pr. 13,4); “O preguiçoso não ara a terra devido ao clima frio; no entanto, na época da colheita procura por frutos, mas nada encontra” (Pr. 20,4); “O preguiçoso é aquele que morre ‘desejando’, mas nunca põe de fato as mãos no trabalho!” (Pr. 21,25).

Frei Francisco chama o frade que não quer trabalhar de “irmão mosca”. Aquele que vive à toa, sem abraçar o projeto de vida da Fraternidade. São Paulo é claro e direto: “Quando ainda estávamos convosco, vos ordenamos isto: se alguém não quiser trabalhar, também não coma” (2Tes. 3,10).

Na Regra Bulada, Frei Francisco também expressa o espírito com que se deve trabalhar: “Aqueles irmãos aos quais o Senhor concedeu a graça de trabalhar, que trabalhem com fidelidade e devoção, para que, tendo banido o ócio, inimigo da alma, não extingam o espírito de santa oração e devoção ao qual todas as outras coisas temporais devem servir” (RB,5). Neste ponto não há dúvida de que as características franciscanas do trabalho são a “fidelidade” e a “devoção”.

O trabalho fiel pode ser compreendido como realização, ser constante, dedicado, vigoroso a cada dia. Trabalhar fielmente não é somente fazer bem feito. Trabalhar fielmente significa fazê-lo com fé, no caso dos franciscanos, reconhecendo sua identidade e missão e direcionando seus esforços no trabalho pelo Reino.

A devoção é a dedicação, cuidado e estima pelo considerado mais importante. Na tradição cristã, a *devotio ad Deum* é um trabalho permanente, é todo esforço e reconhecimento da centralidade que Deus deve ocupar na vida de quem crê. No caso dos religiosos, a *devotio* é também permitir que Deus trabalhe na vida, ou seja, trabalhar com ele, na Fraternidade, na Ordem, na Igreja e no mundo.

Talvez valha a pena notar que a devoção é a Deus, e não a si mesmo. O trabalho em alguns casos pode se tornar quase uma idolatria, vaidade das vaidades, uma eficiência superficial como uma primeira demão de verniz que, até brilha, mas por pouco tempo.

O trabalho com devoção é o trabalho na gratuidade pelo Reino. Quando um religioso faz algo para alguém (trabalho), muitas vezes ele se surpreende com o brilho nos olhos, com um muito obrigado, com um abraço, ou com um Deus te abençoe, esses gestos valem mais, muito mais, do que o dinheiro que se tem e que, também é necessário para o sustento.

A nossa sustentabilidade

no espírito da pobreza

Para Frei Francisco de Assis, o dinheiro não determina nem condiciona o trabalho. No capítulo V da Regra, ele escreveu: “Quanto à paga do trabalho, recebam o que for necessário ao corpo, para si e seus irmãos, exceto dinheiro de qualquer espécie; e isto realizem com humildade, como convém aos servos de Deus e seguidores da mais santa pobreza”.

Não tem como refletir as palavras de Frei Francisco neste capítulo da Regra sem uma referência com o capítulo anterior, com o título: “Que os irmãos não recebam dinheiro”. No período pós-conciliar, no trabalho de “retorno a fontes” do carisma originário, chegou-se à conclusão de que os pobres e os trabalhadores usavam o dinheiro e que assim funcionava o mundo. Os frades decidiram usar o dinheiro e receber o que fosse necessário para o seu sustento e sua missão evangelizadora.

O trabalho deste período pós-conciliar, com a criação dos serviços de ecônomo geral, provincial e das Fraternidades, visava uma maior transparência econômica e um projeto fraterno, também no modo de trabalhar, no uso e na administração dos bens.

Quase 60 anos após do início dos trabalhos pós-conciliares de renovação da Ordem dos Frades Menores, não se pode deixar de fazer um exame de consciência e avaliar se a maneira de trabalhar do Frade Menor é um eficaz testemunho evangelizador, que passa pela dimensão pessoal e chega à dimensão fraterna. É difícil refletir sobre o trabalho e a vida de pobreza sem cair no moralismo. Entretanto, o modelo ideal de trabalho e de vida de pobreza para os Frades Menores é sempre Cristo, sua Mãe e seus discípulos, Frei Francisco e Irmã Clara de Assis.

No cenário de renovação conciliar, a vida de trabalho e o uso do dinheiro foram pensados para o Frade Menor ser coerente com a sua própria Forma de Vida. Antes desse período, os franciscanos não eram administradores e as propriedades que usavam pertenciam à Santa Sé. As relações com o mundo do trabalho também eram outras. Os franciscanos trabalham muito, não há dúvida, contudo, quando não se abraça um projeto de Igreja, de Ordem, de Província e de Fraternidade, mais cedo ou mais tarde, os bens e o trabalho se perdem pelo caminho, e as dívidas e o falimento aparecem.

O fato é que todos os Frades Menores são administradores, cada um a seu modo, da atividade que desenvolve. Trabalhar e administrar o seu tempo com Deus, trabalhar e administrar os afazeres do dia. Frei Francisco recorda que a força e o discernimento para a vida de trabalho vêm da busca constante do espírito de oração e devoção.

A sustentabilidade do Frade Menor no espírito de pobreza não consiste num “reinventar da roda”, mas em viver o que está contido no Evangelho e na Regra. Assumir um projeto fraterno de vida e missão, trabalhar com fidelidade e devoção, administrando suas necessidades e usando o dinheiro com responsabilidade, colocando em comum com generosidade o que se recebe. Se o frade trabalha diretamente com a administração, deve ter consciência que os bens não são seus, e sim da Fraternidade. Se administra a economia, ela deve ser transparente, verdadeira e confiável. Assim, se sabe de onde vem o que se tem e para onde vai o que se recebeu. Em um ambiente saudável, a prestação de contas é um instrumento fraterno de cuidado e não de controle e opressão.

Portanto, o modo franciscano de trabalhar não será um problema de identidade e nem de fé. A generosidade e a partilha fraterna fazem com que o Frade Menor reconheça, ame e escolha sempre a Senhora Pobreza, mulher evangélica, elegante e perfumada, que instiga o desejo de não trocar o Eterno por coisas passam.

Para comemorar os 800 anos da Regra Bulada, recorre-se as palavras de Frei Francisco, que reafirma a necessidade de um trabalho honesto e justo, sem se escravizar, esconder-se, ou ainda, sem sequer fazer do trabalho um instrumento de poder e opressão, lucro e acúmulo.

O trabalho faz parte constituinte do carisma franciscano, é ação de graças, é restituição, é dom oferecido por Deus e para Deus, é dedicação, seja com as próprias mãos ou pelo intelecto. O trabalho é suor, é alegria, é realização. Tomás de Celano na Primeira Vida de São Francisco (1Cel 103), nos apresenta a convocação do Pobre de Assis que ainda diz muito em os nossos dias: “Começamos, irmãos, pois até agora pouco ou nada fizemos”, resta aos Frades Menores, continuarem seu trabalho, na fidelidade e devoção, na minoridade e simplicidade. Bom trabalho!

Frei Gilberto da Silva

Fontes:

Dicionário Franciscanos. Petrópolis: CEFEPAL-Vozes, 1993.

Cacciotti Alvaro - Melli Maria. La grazia del lavoro. Milano: Biblioteca di Frate Francesco, 2010.

La grazia di Lavorare. Lavoro, Vita consacrata, francescanesimo. Org. Paolo Martinelli - Mary Merlone. Bologna: EDB, 2015.

Fontes Franciscanas e Clarianas, Petrópolis: Vozes – FFB, 2004.